

Pedro Demo

Metodologia para quem quer aprender

Grupo 1.

SÃO PAULO
EDITORA ATLAS S.A. – 2008

1

Estudar

Estudar é também uma arte e, como tal, depende muito de motivação. Estudioso é quem tem motivação própria para estudar. O que seria – como é para a grande maioria das pessoas – chato passa a ter sentido e preencher o sentido da vida. Motivação, no entanto, não implica necessariamente prazer, em especial prazer físico imediato. Não se estuda apenas o que dá prazer, porque, se assim fosse, muitos não estudariam matemática... É inevitável estudar também o que não nos dá prazer, se isto for importante. O que é importante nem sempre é prazeroso. Para alguém, tornar-se médico é importante. Para chegar até lá, terá que “ralar” muito. Se um dia lá chegar, terá enorme prazer, mas não o prazer do bobo alegre. Será o prazer do bom combate, algo mais da ordem do espírito do que da matéria, ainda que entre espírito e matéria não exista qualquer dicotomia. Estudo é também trabalho, dedicação, esforço, renúncia. Tudo o que se faz com prazer é mais fácil. Mas a vida não se reduz a prazer. Seria fútil. Não segue que o estudo mais proveitoso seja o estafante. Segue apenas que estudar pode acarretar sacrifício. E isto faz parte da vida também.

Meu objetivo, neste capítulo, é questionar a maneira como, em geral, se estuda entre nós, sem pesquisa, sem elaboração, sem leitura sistemática, sem desconstrução e reconstrução. Na escola e na universidade, estudar é o que menos se faz, gastando-se o tempo inteiro com aulas e provas. Não que estas não caibam, mas são eventos supletivos, em geral apenas reprodutivos. Entendo por estudar a dedicação sistemática e motivada à desconstrução e reconstrução do conhecimento, na condição de sujeito capaz de interpretar com autonomia. O estudo bem feito sempre resulta em autoria, o que retira do interesse procedimentos de cópia, transmissão, aquisição. Estudar bem não combina com receber conteúdos simplificados, abreviados, resumidos, via aula, de tal sorte que a tarefa que ainda resta para o aluno seria copiar e reproduzir. Nem escola nem universidade descobriram propriamente o que é estudar. Em sociedades que prezam mais o conhecimento como fundamento imprescindível da autonomia do indivíduo e da sociedade, bem como da economia, estudar não se vincula a procedimentos instrucionistas, mas tendencialmente à dedicação desconstrutiva/reconstrutiva sistemática. Estudar não é hábito entre os professores, não porque não saberiam apreciar o estudo, mas por conta de história longa contrária a este tipo de lide intelectual: foram formados em instituições instrucionistas, muito distanciadas da pesquisa e elaboração própria; conviveram com professores que não estudavam, só davam aula; foram avaliados sempre pela prova reprodutiva; e agora possuem um diploma, que, supostamente, os dispensaria de estudar, já que estudar é coisa de aluno! Quase sempre, quando os professores recebem horas de estudo na semana, dificilmente aproveitam para estudar, em parte porque, assoberbados com

afazeres, precisam do tempo para outras coisas, em parte porque nunca aprenderam a estudar, em parte porque consideram estudo qualquer coisa.

1 NÃO SE APRENDE SEM ESTUDAR

Entre nós, aprender coincide com ter aula, e assim está exarado na LDB, quando se estatuíram os 200 dias letivos.¹ Confundi-se, apressadamente, aula com aprendizagem, reproduzindo um dos estereótipos mais triviais da organização escolar e universitária, não só no professor, mas igualmente nos pais: estes medem a aprendizagem de seus filhos pelas aulas e se irritam quando, por alguma razão, não há aula. Estamos agora introduzindo o nono ano no ensino fundamental, sob a mesma alegação: se os alunos tiverem mais aulas, vão aprender mais. Quando se faz greve na escola ou universidade, suspendem-se as aulas, como se aula fosse o cerne da escola e da universidade. Quando a greve termina, repõem-se as aulas, mesmo que isto seja efetivado de modo sempre canhestro. A noção de escola de tempo integral está, em geral, atrelada à expectativa de maior tempo de aula ou, pelo menos, de maior tempo de permanência na escola. Estudar não é o sentido central, mas ter aula.

Pode, porém, não ocorrer que aumentar aula signifique melhor aproveitamento, e isto insinuam dados do Inep (Saeb), surpreendente e ironicamente, como se observa na Tabela 1.

¹ A LDB fala de "duzentos dias de efetivo trabalho escolar" (art. 24, I), um termo que admitiria outras interpretações para além de apenas "aula". Mas, na mente dos Conselhos de Educação (Nacional, Estaduais e Municipais), a tendência é sempre entender como aula.

Tabela 1 Média de proficiência em LP e M – SAEB Brasil – 1995-2005.

ANOS		1995	1997	1999	2001	2003	2005
LP	4ª série EF	188,3	-1.8	-15.8	-5.6	4.3	2.9 (172,3)
	8ª série EF	256,1	-6.1	-17.1	2.3	-3.2	-0.1 (231,9)
	3ª série EM	290,0	-6.1	-17.3	-4.3	4.4	-9.1 (257,6)
M	4ª série EF	190,6	0.2	-9.8	-4.7	0.8	5.3 (182,4)
	8ª série EF	253,2	-3.2	-3.6	-3.0	1.6	-5.5 (239,5)
	3ª série EM	281,9	6.8	-8.4	-3.6	2.0	-7.4 (271,3)

Fonte: Inep/MEC. EF = Ensino Fundamental. EM = Ensino Médio. LP – Língua Portuguesa; M – Matemática. Média esperada para a 4ª série: 200 pontos; para a 8ª série: 300 pontos; para a 3ª série do ensino médio: 350 pontos.

Esta série histórica de seis pontos no tempo sugere que o rendimento escolar está decaindo desde 1995, tendo ocorrido uma recuperação tímida e ambígua em 2003. Advindo os dados de 2005, soaram como ducha de água fria: em especial na 3ª série do ensino médio e na 8ª série do ensino fundamental ocorreram quedas acentuadas. Em 1997, foram introduzidos os 200 dias letivos e no lapso entre 1997 e 1999 nota-se a maior queda, especialmente com referência à Língua Portuguesa: na 4ª série, a queda foi de 15,8 pontos, na 8ª série de 17,1 pontos e na 3ª série do ensino médio de 17,3; em Matemática, a queda foi bem menor: de 9,8 pontos na 4ª série, de 3,6 pontos na 8ª série e de 8,4 pontos na 3ª série do ensino médio. Embora não se possa atribuir esta queda ao aumento de aulas pura e simplesmente, porque pode ter ocorrido por outros fatores também, é no mínimo curioso que a introdução dos 200 dias letivos não acarretou qualquer efeito benéfico à aprendizagem. A Tabela 1 instila

pelo menos duas mensagens ostensivas: (i) aumentar aula não implica, de modo algum, aumento de aprendizagem, podendo ocorrer o contrário; (ii) continuando a fazer o que fazemos hoje na sala de aula – e que é dar aula substancialmente –, vamos ladeira abaixo. Estudar não é ter aula.

Esta mesma insinuação se apresenta, quando consideramos os estágios de desempenho para 2003, conforme a Tabela 2. Rendimento “adequado” era da ordem da exceção, tão diminutas eram as respectivas cifras, sem falar na mais baixa: apenas 3,3% dos alunos brasileiros teriam tido desempenho adequado em Matemática na 8ª série.

Tabela 2 *Proporção de estudantes em estágios de construção de competências em Língua Portuguesa e Matemática – Brasil – 2003.*

ESTÁGIOS	Muito crítico	Crítico	Intermediário	Adequado
4ª série EF – L. Port.	18,7	36,7	39,7	4,8
4ª série EF – Matem.	11,5	40,1	41,9	6,4
8ª série EF – L. Port.	4,8	22,0	63,8	9,3
8ª série EF – Matem.	7,3	49,8	39,7	3,3
3ª série EM – L. Port.	3,9	34,7	55,2	6,2
3ª série EM – Matem.	6,5	62,3	24,3	6,9

Fonte: Inep/MEC. EF = Ensino Fundamental. EM = Ensino Médio.

Por volta de 20% dos alunos estavam na 4ª série em Língua Portuguesa e não sabiam quase nada (estágio “muito crítico”), sendo que esta cifra ia a 30% no Nordeste. Quase 2/3 dos alunos em Matemática na 3ª série do ensino médio tiveram desempenho “crítico”. É de se perguntar: como pode um aluno chegar à 4ª série e não saber quase nada?... Aulas não faltam, são agora 200 dias letivos. Falta, da maneira mais perplexa, aprendizagem. A aprendizagem pode ser obstaculizada por inúmeros fatores, também de fora da escola, em especial a condição de pobreza extrema de muitos alunos, desinteresse da família, políticas educacionais. Mesmo assim, na maior pobreza, o aluno não poderia estar na 4ª série e não saber quase nada, tendo 200 dias de aula.

Aula é procedimento *auxiliar* da aprendizagem.
Não leva necessariamente à aprendizagem.
Crucial é aumentar o *estudo*. Não as aulas.

Os dados insinuam que as aulas não produzem aprendizagem. É difícil convencer disso o professor, já que se identifica com suas aulas e ainda acredita piamente que o aluno precisa delas como oxigênio para sua vida. É equívoco, porque nenhuma teoria e nenhuma prática razoavelmente fundamentadas e experimentadas acolhem esta expectativa. Aprender não advém necessariamente de ensinar, porque é dinâmica de dentro para fora, tendo o aprendiz na condição de sujeito, não de ouvinte. Relembrando Sócrates, hoje tão apreciado também em ambientes virtuais de aprendizagem, nunca ensinou, nunca deu aula, nunca passou prova, e é considerado o educador dos educadores. Aprender pode encontrar em aulas algum su-

porte, mas nada além disso. Aula só faz sentido, se o aluno aprender bem. É o que não ocorre.

2 APRENDER É ESTUDAR

Aprendizagem, para iniciar, não é resultado de instrução. A biologia mostra isso hoje com grande convicção: o ser vivo é máquina autopoietica, que funciona de dentro para fora, como sempre pensaram os educadores maiêuticos, na pista de Sócrates. Não temos da realidade externa um xérox na cabeça, uma reprodução fotográfica, mas uma reconstrução, interpretação, na posição de observador participativo. O computador funciona de fora para dentro, precisa de tomada elétrica, teclado, *softwares* e *hardwares*. Armazena e processa dados com perícia estupenda, mas nada interpreta, reconstrói, pelo menos por enquanto. A mente humana, a rigor, não pode ser instruída, por mais que se tente. O que nela entra, entra por dentro, na condição de sujeito, mesmo que este sujeito seja violentamente reduzido a objeto. A mente humana não só percebe significados, principalmente cria e recria significados, manipulando símbolos não apenas na dimensão sintática (como faz o computador digital, algorítmico), mas sobretudo na dimensão semântica, complexa não-linear. Por exemplo, a mente humana pode interpretar ausência, silêncio, reticência como mensagem, por vezes mais nítida que o reverso. Há silêncio que grita, ausência que incomoda, reticência que escancara.

É por isso que as palavras admitem múltiplos sentidos, sendo este tipo de ambigüidade próprio do ambiente semântico. Por exemplo, estudar pode ser interpretado como ter aula, como elaboração de autoria própria, como sacrifi-